

Documentação
CENTRAL
Data 24/8/98 Pg 14
Class. 37

Ilha de preservação na Mata Atlântica

Fotógrafo doa área para montar projeto piloto de reflorestamento no interior de Minas. Ambientalistas festejam atitude

Warner Bento Filho
Da equipe do Correio

A Mata Atlântica acaba de ganhar um aliado ilustre: o fotógrafo Sebastião Salgado. Dono de uma área de 650 hectares que já foi coberta de florestas na divisa dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo e era utilizada para a criação de gado, o fotógrafo pretende reflorestar a fazenda e transformá-la em reserva particular.

A área, hoje reduzida a pastagens para bois e vacas, será repassada para o Instituto Terra — uma organização não-governamental presidida por Sebastião Salgado, que desenvolverá um projeto para a recuperação da floresta e transformará a antiga Fazenda Bulcão num centro de treinamento e de educação ambiental.

A iniciativa é festejada pelo diretor-executivo do Fundo Mundial para a Natureza (WWF) no Brasil, Garo Batmanian. "Este é um exemplo a ser seguido. Já cortaram tanto que é bom ver pessoas que fazem o contrário", diz.

O WWF divulgou um estudo mostrando que estão ameaçadas mais de 8 mil espécies de árvores em todo o mundo — num universo de 80 mil a 100 mil árvores conhecidas pela ciência. Destas, 462 são brasileiras. Entre elas, o mogno, o pau-brasil e o pau-rosa. Dos 197 países pesquisados, o Brasil aparece em terceiro lugar entre aqueles que possuem mais árvores ameaçadas, totalizando 462 espécies. Em primeiro lugar está a Malásia (958 espécies ameaçadas) e em segundo, a Indonésia (551 espécies ameaçadas).

A época do descobrimento, a Mata Atlântica cobria 1,3 milhão de quilômetros quadrados em praticamente toda a costa brasileira. Hoje, restam

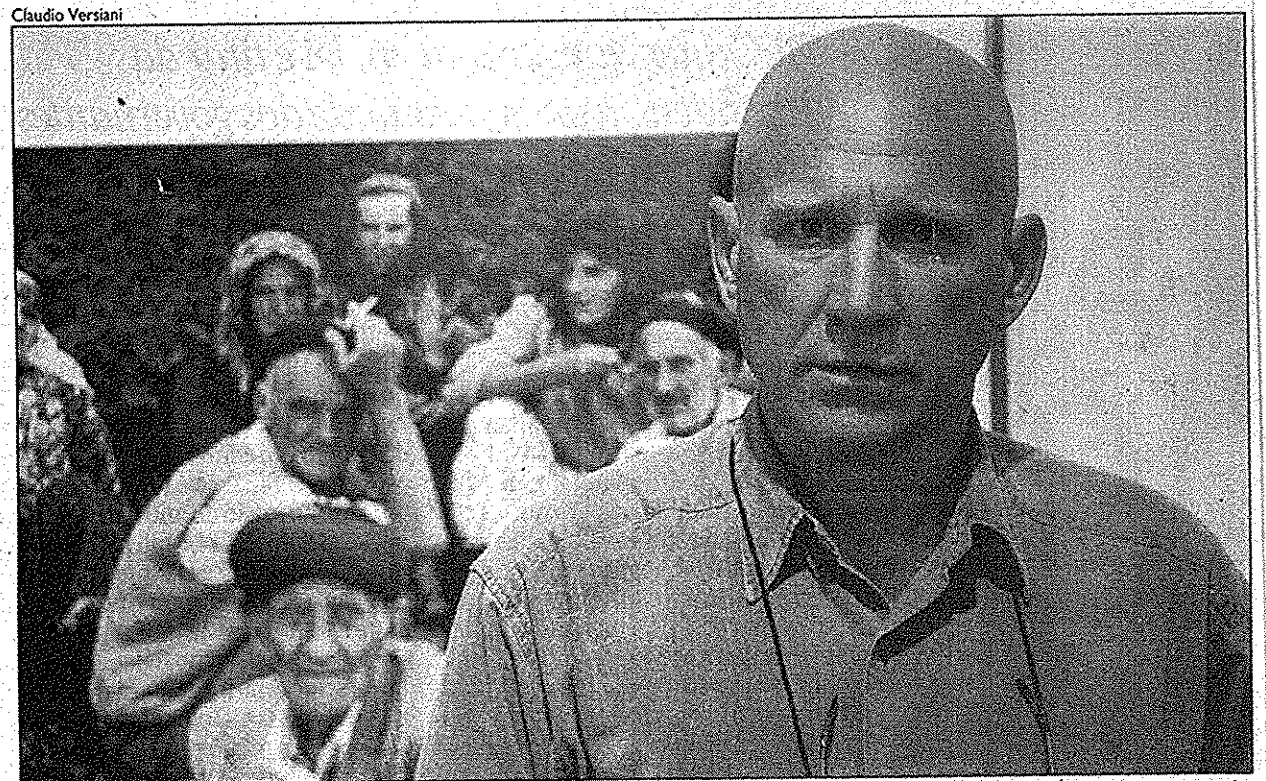
apenas 7% desse total. De acordo com estudos feitos pela ONG SOS Mata Atlântica e pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), entre 1990 e 1995 desapareceram 500 mil hectares da Mata Atlântica. "É hora de dar um basta", diz Batmanian.

Segundo o engenheiro florestal Virgílio Viana, um dos técnicos responsáveis pelo projeto, num período de três anos é possível mudar radicalmente a fazenda. Viana, que também é consultor do Banco Mundial (Bird) na área de meio ambiente, disse que o projeto foi recebido com muito entusiasmo no banco e que a possibilidade de financiá-lo está sendo estudada.

A recuperação da Fazenda Bulcão, no município mineiro de Aimorés, funcionaria como um projeto-piloto, uma espécie de laboratório de recuperação da Mata Atlântica. O custo estimado para recriar a floresta varia entre R\$ 1,5 mil a 2 mil por hectare — o que significaria investimentos de cerca de R\$ 1,2 milhão. A idéia, segundo Viana, é desenvolver na área técnicas de baixo custo para a recuperação da floresta, que serviriam como demonstração. "Isso poderá ser reproduzido em outros locais para a recuperação florestal de áreas degradadas da Mata Atlântica", diz.

Oficialmente, o que o grupo pretende criar é uma Reserva Particular do Patrimônio Nacional (RPPN). Essa figura, prevista na lei, isenta a área de pagamento do Imposto Territorial Rural (ITR), entre outras vantagens.

O projeto entusiasmou também o diretor do Instituto Estadual de Florestas (IEF) de Minas Gerais, Célio Murilo Valle. "Esta iniciativa nos ajudará no trabalho de recuperação da Mata Atlântica", aposta. A floresta da Tijuca, no Rio de Janeiro, foi pratica-



Salgado, um dos fotógrafos mais conhecidos do mundo: R\$ 1,2 milhão para recuperar área que só serve como pasto

NATUREZA DESTRUÍDA

Restam hoje 7% do total de 1,3 milhão de km² de Mata Atlântica que cobria parte do país na época do descobrimento. Entre 1990 e 1995, 500 mil hectares desapareceram. A área que o fotógrafo Sebastião Salgado pretende recuperar tem 650 hectares e fica em Aimorés (MG).



Area da Mata Atlântica em 1500... e em 1995.

Fonte: SOS Mata Atlântica

mente extinta no século passado, para dar lugar a lavouras de café, principalmente. Entre outros problemas que o desmatamento causou, as nascentes de água que abasteciam a cidade co-

meçaram a secar. Em razão disso, a área foi recuperada, com o replantio de dezenas de espécies de árvores.

Em áreas isoladas, é impossível reproduzir a floresta original, com

abundância de biodiversidade. Mas, ainda assim, o reflorestamento é considerado importante. "Quando se planta uma árvore, se cria condições para que outras plantas vivam. Além disso, forma-se um ambiente para a existência de insetos e aves, entre outros animais", aponta Batmanian.

Mas, além da preservação de áreas isoladas, que formam ilhas, é importante que se criem áreas contínuas — ou corredores — ligando uma área a outra. "Isso dá mais condições para que as espécies sobrevivam, evitando a erosão genética", diz Batmanian. Erosão genética é a perda de variedades por falta de cruzamentos. O WWF tenta criar estes "corredores" em várias áreas de preservação.

Mesmo com todo o trabalho de recuperação da Mata Atlântica em andamento, o ritmo das derrubadas é ainda mais rápido. "Ainda estão cortando mais do que se está plantando", diz Batmanian.

PERSONAGEM DA NOTÍCIA

DA ROÇA DE AIMORÉS PARA O MUNDO

Menos de 200 quilômetros separam o mar do município de Aimorés (MG), cidade natal de Sebastião Salgado. Mesmo assim, ele só viu a imensidão de águas salgadas aos 15 anos, quando se mudou para Vitó-

ria. "Sou da roça", costuma dizer. Vem daí, segundo ele, o gosto por registrar pessoas simples como as que aparecem no livro Terra, que reúne imagens de homens, mulheres e crianças ligados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Doutor em Economia pela Universidade de Paris, Salgado só passou a fotografar profissionalmente aos 30 anos. Desde então, passa pouco tempo no Brasil. Mas sente-se profunda-

mente brasileiro. No apartamento de 300 metros quadrados em que vive em Paris ouve-se muito samba e come-se comida capixaba. "Na fração de segundo de cada foto que tiro, estou interferindo com minha Aimorés, minha mãe, meu pai, minha escola, com a minha vida, a minha luz. E tudo isso é brasileiro", diz. Celebrado como um dos maiores fotógrafos da atualidade, Salgado recebeu quase todos os prêmios cobiçados

pelos profissionais da área, incluindo o Príncipe de Astúrias das Artes, no começo do ano.

Depois de trabalhar para a Magnum, uma das mais importantes agências de fotografia do mundo, Salgado tem hoje o tipo de trabalho sonhado por qualquer fotógrafo: passa em média oito meses por ano rodando o mundo atrás de personagens. Seus filmes são trabalhados pelos melhores profissionais, tem a pró-

pria empresa, a Amazonas Images, e cobra até 35 mil dólares por um único dia de trabalho em publicidade.

O livro Terra, que, além de fotos de Salgado, inclui texto de José Saramago e CD de Chico Buarque é mais um encontro dele com a roça. Salgado pagou a impressão de 100 mil pôsteres com fotos do livro e bancou a produção de 25 mil CDs com as canções de Chico. Bom para o MST, que faturou R\$ 2 milhões.